

OUTUBRO



PREFEITURA
DE GOIÂNIA
Educação

SEED
Secretaria de Estado
da Educação



FICHAS DE LEITURA

Acompanhamento Mensal da Leitura

1º ao 6º ano



ACOMPANHAMENTO MENSAL DA LEITURA



Orientações

► Preenchimento da *Ficha de Acompanhamento Mensal da Leitura*

Professor(a), a partir do mês de maio, serão encaminhados dois textos com tipologias diferentes para que você possa variar as possibilidades de leitura.

- A escuta deve ser feita individualmente, considerando o cronograma indicado no documento *Acompanhamento Mensal da Leitura* e os estágios definidos no instrumento de registro:

1. Não leu, ou disse letras, ou palavras ausentes no texto.
2. Nomeou letras isoladas/soletrou.
3. Leu palavras de forma silabada.
4. Leu corretamente sem respeitar os elementos prosódicos (ritmo, entonação e pausas) básicos do texto.
5. Leu corretamente respeitando os elementos prosódicos (ritmo, entonação e pausas) básicos do texto.
6. Leu e atribuiu sentido ao texto.

- Durante a leitura, observe o desempenho do estudante e marque, no instrumento, o estágio em que ele se encontra.
- Valorize as tentativas de leitura dos estudantes que estão nos estágios 1, 2 e 3, tendo em vista que, ainda, não conseguem ler o texto integralmente.
- Ao término da leitura, faça perguntas que lhe permitam identificar se houve ou não compreensão. Se o estudante atribuir sentido ao texto, marque, apenas, o estágio 6.
- Ao término de cada acompanhamento mensal, preencha o cartaz afixado na porta da sala.



TEXTO I



Ficha de Leitura

MINHA ESCOLA

QUANDO VOU PRA MINHA ESCOLA
TENHO MUITO O QUE FAZER
PULO, BRINCO E FAÇO ARTE
MAS TAMBÉM QUERO APRENDER.

MEUS AMIGOS LÁ DA SALA
SÃO PEQUENOS COMO EU.
SÃO RISADAS, SÃO ALEGRES
SÃO BACANAS E OS SEUS?

JANE ERMIRENE



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. O que as crianças fazem na escola?
2. Como são os amigos da escola?

TEXTO II



Ficha de Leitura

O PATINHO FEIO

ERA UMA VEZ, NUMA FAZENDA, UMA MAMÃE PATA QUE CHOCAVA SEUS OVOS. CINCO OVOS SE ABRIRAM E SAÍRAM PATINHOS AMARELOS. MAS, HAVIA MAIS UM OVO BEM GRANDE. QUANDO ELE SE QUEBROU, SAIU UM PATINHO DIFERENTE, MUITO MAIOR E DE COR CINZA.

OS IRMÃOS E OUTROS ANIMAIS DA FAZENDA ACHARAM O PATINHO FEIO E O DEIXARAM SOZINHO. ELE FICAVA TRISTE E SE SENTIA DIFERENTE. UM DIA, O PATINHO FEIO FUGIU PARA UM LAGO. LÁ, ELE VIU UM GRUPO DE CISNES, LINDOS E BRANCOS, NADANDO. ELE ACHOU QUE ERAM OS MAIS BELOS QUE JÁ TINHA VISTO.

ELE OBSERVOU SEU REFLEXO NA ÁGUA E PERCEBEU QUE ELE NÃO ERA UM PATO. ELE ERA UM CISNE! ELE FICOU MUITO FELIZ E, FINALMENTE, SE SENTIU EM CASA, LINDO E RODEADO DE SUA VERDADEIRA FAMÍLIA.

ADAPTAÇÃO DO CONTO DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN

**Compreensão Textual**

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. Por que o patinho ficou triste?
2. O que o patinho descobriu ao final da história?

TEXTO I



Ficha de Leitura

Pessoas são diferentes

São duas crianças lindas
Mas são muito diferentes!
Uma é toda desdentada,
A outra é cheia de dentes...
Uma anda descabelada,
A outra é cheia de pentes!
Uma delas usa óculos,
E a outra só usa lentes.

Uma gosta de gelados,
A outra gosta de quentes.
Uma tem cabelos longos,
A outra corta eles rentes.
Não queira que sejam iguais,
Aliás, nem mesmo tentes!
São duas crianças lindas,
Mas são muito diferentes!

Ruth Rocha

Disponível em <https://ieducacao.com/poesia-infantil/>

Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. Qual é o assunto do texto?
2. Como são as crianças apresentadas no poema?

TEXTO II



Ficha de Leitura

A princesa Maribel

Esta é a princesa Maribel.

(...)

E isto, o que é?

Este é o cabrito

Que nasceu da cabra

Que bebeu a água

Que apagou o fogo

Que queimou o pau

Que bateu no cão

Que mordeu o gato

Que prendeu o corvo

Que roubou o pano

Que cobria o anel

Da princesa Maribel.

E isto, o que é?

Este é o pastor

Que encontrou o anel...

E ganhou um beijo

Da princesa Maribel!

Patacrúa e Javier Solchaga

Tradução: Leo Cunha



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. O que a princesa Maribel perdeu?
2. Como Maribel agradeceu ao pastor?

TEXTO I



Ficha de Leitura

Caixa surpresa

Ganhei uma linda caixa
Mas nem posso imaginar
A surpresa que há lá dentro
Você pode me ajudar?
Um cachorro de pelúcia...
Ou um jogo de pensar?
Uma boneca de trança...
Ou um livro de criança?
Quem sabe um cavalo de pau
Ou mesmo outro animal...
Um jogo de botão...
Uma caixa de toquinhas?
Um avião, um balão...?
Um pacote de docinhos?
Será melhor desistir
E o presente guardar...
Mas sei que não vou dormir
Enquanto não adivinhar!

Nye Ribeiro. Rodinha de letrinhas de A a Z. Valinhos: Roda & Cia, 2012. p.9.



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. Quem está falando no poema e o que essa pessoa ganhou?
2. Como essa pessoa se sente ao longo do poema?
3. Que objetos o poema cita como possíveis presentes? Liste dois.

TEXTO II



Ficha de Leitura

Não somos figurinhas!

Claudia Werneck

Uma menina muito ressabiada. Era como se tivesse medo de gente. Família, padrinhos, vizinhos e professores não conseguiam entender o que a impedia de viver em paz com seus iguais.

“Mas o problema é justamente esse”, gesticulava ela, amaciando com seus dedinhos o pelo macio de seu gato magro, branco e preto — o Bandidão. “Não somos iguais, não somos iguais, é tudo mentira. Eu olho para a Pati, o Ivan, o Ademir, a Tatá e só vejo diferenças.” Os adultos se entreolhavam desanimados e pediam mais explicações. “Como diferentes, minha filha? Somos seres humanos, gente igual a você, iguais entre nós: duas pernas, dois bracinhos, dois olhos, uma língua, um cérebro, dez dedos na mão, dez no pé...”

Bandidão não estava nem aí para aquela conversa sempre tão óbvia. Entediado, deu um pinote, abandonando o colo de sua dona. Mas, ainda no ar, enquanto preparava suas patas para uma aterrissagem em segurança, ouviu sair dos lábios dela, também como um pinote, algo que a garota nunca havia dito: “E quem não tem duas pernas? Ou não escuta? Ou tem dois olhos, mas um é de vidro? Ou é muito feio? Aí não é gente? Para ser gente não basta nascer? E os bebês, não são diferentes? Por que vocês insistem em me convencer de que somos iguais? Gente não é como figurinha, que nós arrumamos em fila, deixando de lado as amassadas e as rasgadas para decidir o que fazer com elas depois”.

Bandidão estava emocionado. Entendera tudo, ora pois pois. A menina não tinha medo de gente. Acuada, sofria por outras razões. Faltava-lhe era coragem para discordar do pensamento dos adultos.

Confiante por ter conseguido, enfim, explicar sua angústia para os pais, ela experimentou uma sensação nova: sentiu pressa, muita pressa de ir para a escola. Pela primeira vez, sentia prazerem ser gente. Dedicou um último olhar de amor para Bandidão e seguiu pela rua.

Disponível em <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/CxpHhuwPTXCPgcxnC2mpdYvJzjcqsBFzQ8wyZPA2uYwXtGhQjwKKV7aDuKFz/contos-leitoriniciante.pdf>



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. Quem é a personagem principal e como se chama o gato dela?
2. O que os adultos diziam para provar que “todo mundo é igual”?
3. Como a menina se sente no final da história e o que decide fazer?

TEXTO I



Ficha de Leitura

O que disse o passarinho

José Paulo Paes

Um passarinho me contou
Que o elefante brigou
Com a formiga só porque
Enquanto dançavam (segundo ele)
Ela pisou no pé dele!

Um passarinho me contou
Que o jacaré se engasgou
E teve que cuspi-lo inteirinho
Quando tentou engolir,
Imaginem só, um porco-espinho!

Um passarinho me contou
Que o namoro do tatu e a tartaruga
Deu num casamento de fazer dó:
Cada qual ficou morando em sua casca
Em vez de morar numa casca só.

Um passarinho me contou que
A ostra é muito fechada, que a
Cobra é muito enrolada que a
Arara é uma cabeça oca, e que
O leão-marinho e a foca...
Xô, xô, passarinho, chega de fofoca!

Paes, José Paulo. O que disse o passarinho. In: ___. Um passarinho me contou. São Paulo: Editora Ática, 1996.



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. Que característica engraçada da cobra o passarinho contou?
2. O que aconteceu quando o jacaré tentou engolir o porco-espinho?
3. O poema usa animais para contar histórias, mas na verdade está falando sobre um comportamento muito comum entre as pessoas. Que comportamento é esse?

TEXTO II



Ficha de Leitura

O caldo de pedra

Um frade andava pedindo esmolas de porta em porta. Quando bateu na porta de um lavrador recebeu um valente “não” como resposta. Como estava mesmo com muita fome o frade disse o seguinte:

— Vou ver se faço um caldinho de pedra. E pegou numa pedra do chão, sacudiu-lhe a terra e pôs-se a olhar para ela para ver se era boa para fazer um caldo.

As pessoas riram do frade e começaram a se perguntar como é que era possível comer um caldo de pedra. O frade então respondeu:

— Então nunca comeram caldo de pedra? Só lhes digo que é uma coisa muito boa.

Os moradores da casa, curiosos, disseram que queriam ver aquela cena.

O frade então lavou a pedra, pediu que lhe emprestassem uma panela de barro e colocou a pedra lá dentro.

Depois de encher a panela de água, pediu brasas para esquentar a panela. Então perguntou se tinham banha de porco, para temperar o caldo. Depois de dizerem que sim e oferecerem o que foi pedido, o frade provou o caldo e pediu um pouquinho de sal, couves e linguiça.

A dona da casa entregou tudo o que era pedido e, no final o resultado saiu uma bela sopa.

Comeu e lambeu o beiço; depois de despejada a panela ficou a pedra no fundo; a gente da casa, que estava com os olhos nele, perguntou-lhe:

— Ó senhor frade, então a pedra?

Respondeu o frade:

— A pedra lavo-a e levo-a comigo para outra vez.

E assim comeu onde não lhe queriam dar nada.

Contos Tradicionais do Povo Português por Teófilo Braga.

Disponível em https://pt.wikisource.org/wiki/Contos_Tradicionaes_do_Povo_Portuguez/O_caldo_de_pedra.



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. Por que as pessoas da casa ficaram curiosas quando o frade disse que ia fazer um caldo de pedra?
2. O que o frade foi pedindo aos moradores da casa para preparar o caldo além da pedra?
3. Na sua opinião, o que essa história nos ensina sobre a esperteza do frade e a atitude das pessoas que não quiseram ajudá-lo no começo?

TEXTO I



Ficha de Leitura

Dançando com o morto

A viúva estava na cozinha com o filho, contando feliz o dinheiro que tinha encontrado debaixo do colchão, quando o marido, falecido fazia meses, apareceu e veio sentar-se à mesa com eles. A mulher não se intimidou:

— O que é que você está fazendo aqui, seu miserável?! Me dá paz! Você está morto! Trate de voltar para debaixo da terra.

— Nem pensar — disse o morto. — Estou me sentindo vivinho.

A mulher mandou o filho buscar um espelho. Entregou ao morto para que ele visse sua cara de cadáver.

— É... Estou abatido. Deve ser falta de exercício — disse o falecido.

E mandou o filho buscar a sanfona, e convidou a mulher para dançar. Ela, é claro, não quis saber de dançar com o defunto, que cheirava pior que gambá.

O morto nem ligou. Começou a dançar sozinho. De repente a mulher viu que um dedo dele estava caindo, e ordenou:

— Toca mais rápido, menino!

Assim que o ritmo se acelerou, caiu outro pedaço.

— Mais depressa, que eu também vou dançar — ela resolveu.

E começou a quebrar e soltar e jogar a perna para o alto e balançar a saia.

O marido, animado, tratava de acompanhar as piruetas da mulher, e enquanto isso o corpo dele desmoronava. Até que só ficou a caveira pulando no chão, batendo o queixo. A mulher caprichou uma piroeta, a caveira imitou e o queixo desmontou. Pronto.

Mais que depressa, a mulher mandou o filho buscar um baú para guardar os pedaços do marido:

— Põe tudo que é dele, filho. Tudo. Que eu vou procurar uns pregos e um martelo. Dali a pouco ela voltou e caprichou nas marteladas, para que o morto nunca mais escapulisse.

Enteraram o defunto de novo. Depois jogaram bastante cimento em cima.

Só no dia seguinte a viúva lembrou do dinheiro do marido, que ela tinha deixado em cima da mesa.

— Cadê?!?

— Uai, mãe! Não era para guardar no baú tudo que fosse dele?

In: LAGO, Ângela. **Sete histórias para sacudir o esqueleto**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. Qual foi a reação da mulher com a chegada do finado marido? Explique o motivo da sua reação.
2. Por que a mulher, depois de um tempo, resolveu dançar com o defunto?
3. A obediência do filho acabou se tornando um problema. Por quê?

TEXTO II



Ficha de Leitura

Saudade

O quintal da minha avó.
Um abraço de carinho.
A cabeça dá um nó
lembrando aquele cheirinho,
o cheiro de pão fresquinho.

O canto da minha mãe,
pra me acordar bem cedinho.
O tempo em que eu não sabia
tanto do mundo, pois era
apenas menininho.

De alguém que está bem longe,
De um fato acontecido
que às vezes não se repete.
De um olhar que aconchegou.
De algo que te enobrece.
Não existe, em outras línguas,
palavra para explicar,
equando essa coisa acontece,
junta sorrir com chorar.

Ramos, Lázaro; ilustrações Maurício Negro. Caderno de rimas do João. Rio de Janeiro: Pallas, 2015



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. Que tipo de saudade o poema retrata? É a saudade de um lugar, de uma pessoa, de um tempo passado, ou algo mais abstrato?
2. De que maneira o poema aborda a ausência e o que ela representa para o poeta?
3. Como a memória é construída e transformada pela saudade, segundo a visão do autor?

TEXTO I



Ficha de Leitura

A criatura

A tempestade tornava a noite ainda mais escura e assustadora. Raios riscavam o céu de chumbo e a luz azulada dos relâmpagos iluminava o vale solitário, penetrando entre as árvores da floresta espessa. Os trovões retumbavam como súbitos tiros de canhão, interrompendo o silêncio do cenário [...].

Alimentadas pela chuva insistente, as águas do rio começavam a subir e a invadir as margens, carregando tudo o que encontravam no caminho. Barrancos despencavam e árvores eram arrancadas pela força da correnteza, enquanto o rio se misturava ao resto como se tudo fosse uma coisa só. Mas algo... ou alguém... ainda resistia.

Agarrado desesperadamente a um tronco grosso que as águas levavam rio abaixo, um garoto exausto e ferido lutava para se manter consciente e ter alguma chance de sobreviver. Volta e meia seus braços escorregavam e ele quase afundava, mas logo ganhava novas forças, erguia a cabeça e tentava inutilmente dirigir o tronco para uma das margens.

De repente, no período de silêncio que se seguia a cada trovão, ele começou a ouvir um barulho inquietante, que ficava mais e mais próximo. Uma fumaça esquisita se erguia à frente, e ele então comprehendeu: era uma cachoeira! [...]

Num pulo desesperado, agarrou o ramo de uma árvore que ainda se mantinha de pé perto da margem e soltou o tronco flutuante, que seguiu seu caminho até a beira do precipício e nele mergulhou descontrolado.

A tempestade prosseguia e cegava o garoto, o rio continuava seu curso feroz e a cachoeira rosnava bem perto de onde ele estava. De repente, percebeu que a distância entre uma das margens e o galho em que se pendurava talvez pudesse ser vencida com um pulo. Deu um jeito de se livrar da camisa molhada, que colava em seu corpo e tolhia seus movimentos. Respirou fundo para tomar coragem.

Se errasse o pulo, seria engolido pela queda-d'água... mas, se acertasse, estaria a salvo. Viu que não tinha outra saída e resolveu tentar. Tomou impulso e [...] conseguiu alcançar a margem. [...]

Ficou de pé meio vacilante e examinou o lugar em torno, tentando decidir para que lado ir. Foi quando ouviu um rugido horrível, que parecia vir de bem perto. Correu para o lado oposto, mas não foi longe. Logo se viu encurralado em frente a um penhasco gigantesco, que barrava sua passagem. O rugido se aproximava cada vez mais.

Estava sem saída. De um lado, o penhasco intransponível; de outro, uma fera esfomeada que o cercava pronta para atacar. Então, viu um buraco no paredão de pedra e se meteu dentro dele com rapidez. A fera o seguiu até a entrada da caverna, mas foi surpreendida. Com uma pedra grande que achou na porta da gruta, o garoto golpeou a cabeça do animal com toda a força que pôde e a fera cambaleou até cair, desacordada.

Já fora da caverna, ele examinou o penhasco que teria que atravessar antes que o bicho voltasse a si. [...]

Foi quando uma águia enorme passou voando bem baixo e o garoto a agarrou pelos pés, alcando voo com ela. Vendo-se no ar, olhou para baixo, horrorizado. Se caísse, não ia sobrar pedaço. Segurou com firmeza as compridas garras do pássaro e atravessou para o outro lado do penhasco.

O outro lado tinha um cenário muito diferente. Para começar, era dia, e o sol brilhava num céu sem nuvens sobre uma pista de corrida cheia de obstáculos, onde se posicionavam motocicletas devidamente montadas por pilotos de macacão e capacete, em posição de largada. Apenas em uma das motos não havia ninguém.

A águia deu um voo rasante sobre a pista, e o garoto se soltou quando ela passava bem em cima da moto desocupada. Assim que ele caiu montado, foi dado o sinal de largada.

As motos aceleraram ruidosamente e partiram em disparada, enfrentando obstáculos como rampas, buracos e lamaçais. O páreo era duro, mas a motocicleta do garoto era uma das mais velozes. Logo tomou a dianteira, seguida de perto por uma moto preta reluzente, conduzida por um piloto de aparência soturna. [...]

Inclinando o corpo um pouco mais, o garoto conseguiu acelerar sua moto e aumentou a distância entre ele e o segundo colocado. Mas o piloto misterioso tinha uma carta na manga: num golpe rápido, fez sua moto chegar por trás e, com um movimento preciso, deu uma espécie de rasteira na moto do garoto.

A motocicleta derrapou e caiu, rolando estrondosamente pelo chão da pista e levantando uma nuvem de poeira. O garoto rolou com ela e ambos se chocaram com violência contra uma montanha de terra, um dos últimos obstáculos antes da chegada.

A moto negra ganhou a corrida, sob os aplausos da multidão excitada, e o garoto ficou desmaiado no chão.

Com um sorriso vitorioso, Eugênio viu aparecer na tela as palavras FIM DE JOGO. Soltou o joystick e limpou na bermuda o suor da mão. [...]

Laura Bergallo. A criatura. São Paulo: SM, 2005. p. 37-44.

Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. Quais as duas realidades que o autor apresenta para descrever as aventuras vividas pela protagonista?
2. Quem é o protagonista dessa história
3. Qual é o desfecho dessa narrativa de aventura?

TEXTO II



Ficha de Leitura

Meus oito anos

Casimiro de Abreu

Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida, Da minha
infância querida Que os anos não
trazem mais! Que amor, que
sonhos, que flores, Naquelas
tarde fagueiras À sombra das
bananeiras, Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
Do despontar da existência!
– Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é – lago sereno,
O céu – um manto azulado,
O mundo – um sonho dourado,
A vida – um hino d'amor!

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã.
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
De camisa aberto ao peito,
— Pés descalços, braços nus —
Correndo pelas campinas
À roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!

Naqueles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!
Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Disponível em <https://www.academia.org.br/academicos/casimiro-de-abreu/textos-escolhidos>.



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. Qual sentimento o eu lírico expressa nos primeiros versos do poema?
2. O poema fala da “aurora da minha vida”. O que essa metáfora representa?
3. A quem o eu lírico se refere com carinho no poema?